



NEGAÇÃO METALINGUÍSTICA E ESTRUTURAS COM *NADA* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DADOS DE AMOSTRAS DE FALA DO SERTÃO BAIANO

Dayane Moreira Lemos (UNEB)¹
dayaneml@yahoo.com.br

Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda (UEFS)²
marianafag@gmail.com

Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UEFS)³
zenaide.novais@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar dados que possam contribuir para caracterização do *nada* como marcador de negação metalinguística no português brasileiro (doravante PB) e submeter os dados a um contraste com o português europeu (doravante PE), com o fim de evidenciar diferenças entre as duas línguas. No intuito de discutir o comportamento sintático do *nada* em estruturas do PB popular, trataremos conceitualmente o termo negação metalinguística, através das reflexões de Ducrot (1972), Horn (1989), Carston (1996), entendendo seu comportamento sintático a partir dos estudos desenvolvidos por Drozd (2001) e Martins (2010). No que tange ao estudo contrastivo, esse se apoiará nos resultados obtidos por Pinto (2010) ao tratar do *nada* enquanto marcador metalinguístico no PE. Para tanto, os dados deste artigo foram extraído de amostras de fala do *corpus* do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*, disponível no CE-DOHS (*Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão), na tentativa de evidenciar o *nada* como o verdadeiro marcador de *negação metalinguística*. Os resultados preliminares apontaram que no PB, além dos usos do PE, há um tipo específico que se caracteriza pela presença de um constituinte -Qu, seguido da forma verbal no gerúndio ou fragmento nominal/adjetival, havendo também outros tipos que são incompatíveis no PE, como fragmentos que apresentaram o *nada* como marcador de negação metalinguística em ocorrência isolada.

PALAVRAS-CHAVE: Negação metalinguística. Estruturas com *nada*. Português Brasileiro (PB). Português Europeu (PE).

ABSTRACT: This paper aims to describe and analyze linguistic data that can contribute to characterize *nada* (nothing) as a marker of metalinguistic negation in Brazilian Portuguese (BP) and to contrast those data with European Portuguese (EP), in order to highlight differences between these two languages. The objectives of this work are to discuss the syntactic behavior of *nada* in structures of popular BP, treat the notion of metalinguistics negation from the studies of Ducrot (1972), Horn (1989), Carston (1996), and comprehend its syntactic behavior starting from the studies of Drozd (2001) and Martins (2010). The contrastive study will be based on the results obtained by Pinto (2010) who treats *nada* as a metalinguistic

¹ Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XVI. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Email: dayaneml@yahoo.com.br

² Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: marianafag@gmail.com

³ Docente da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Campinas (UNICAMP). Email: zenaide.novais@gmail.com



marker in the EP. The data analyzed in this paper were extracted from the database of the project A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano and they are available in the Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão – CEDOHS. The preliminary results pointed out that in BP, besides the common uses of EP, there is a specific type that is characterized by the presence of a constituent -Wh, followed by the non-gerund verb form or nominal/adjectival fragment, and there are other types that are incompatible in EP as fragments that presented *nada* as a marker of metalinguistic negation in isolated occurrence.

KEYWORDS: Metalinguistic negation. Structures with *nada*. Brazilian Portuguese (BP). European Portuguese (EP).

1 Introdução

Este artigo busca apresentar fatos que caracterizem o *nada* como o verdadeiro marcador de *negação metalinguística* no PB, propondo que o comportamento da palavra *nada* com valor metalinguístico, no PB, se assemelha, no geral, ao PE. No entanto, centraremos as descrições nas convergências entre essas duas variedades do português, descrevendo uso do marcador *nada* em tipos de estruturas não atestada no PE.

No intuito de discutir o comportamento sintático do *nada* em estruturas do PB popular, buscamos a sua definição inicialmente como marcador de *negação metalinguística*, através das reflexões de Ducrot (1972), Horn (1989), Carston (1996) e entendendo seu comportamento sintático a partir dos estudos desenvolvidos por Drozd (2001) e Martins (2010), por fim, contrastar dados do *nada* no PB popular com dados do PE, diante das pesquisas realizadas por Pinto (2010).

Nesse sentido, entenderemos que a *negação metalinguística* define-se por não se relacionar com os conceitos de verdade e falsidade, podendo-se negar o pressuposto do ponto de vista pragmático, a partir do conhecimento compartilhado entre falantes e interlocutores; dependendo, portanto, de um contexto discursivo específico (DUCROT, 1972, 1984; HORN, 1985, 1989; CARSTON, 1996).

Após buscas de pesquisas que abordem tal fenômeno não encontramos nenhum estudo realizado sobre o uso do *nada* como marcador metalinguístico no PB, portanto, este artigo se volta para esse campo inexplorado, apoiando-se em corpus oral do projeto



A *língua portuguesa no semiárido baiano* (fases 1, 2 e 3)⁴. Cabe ressaltar que o fato de o *corpus* escolhido estar centrado no interior da Bahia deve-se mais a uma limitação de tempo do que a uma proposta de descrição dialetal diatópica.

2 Do fenômeno: conceito e propriedades

Na tentativa de entender as propriedades semânticas do *nada*, antes de focar o estudo em propriedades sintáticas, se faz necessário retomar os seus primeiros conceitos, os primeiros estudos desenvolvidos nesse campo. Sendo assim, sabe-se que o termo *negação metalinguística* – *négation métalinguistique* – é, pela primeira vez, citado por Ducrot (1972), o qual, em 1984, distingue a negação metalinguística das outras negações conhecidas como negação descritiva e a negação polêmica. Apesar dessa imensa contribuição, é a Horn (1989) que cabe a referencialidade em estudos posteriores, uma vez que ele põe em evidência esse tipo de negação. Nesse contexto, entende-se negação metalinguística

[...] como um tipo particular de negação que, **ao contrário da negação regular**, não se relaciona com os conceitos de verdade e falsidade das proposições negadas. Nesse sentido, a negação metalinguística permite negar um pressuposto, do ponto de vista pragmático, de acordo com as convicções do falante ou consoante o conhecimento compartilhado entre interlocutores. (PINTO, 2010, p. 05-06 – grifo nosso).

Uma nova perspectiva no campo da linguística é lançada, na busca de determinar a atuação da negação metalinguística em contraponto à negação regular, que se restringia aos conceitos de verdade e falsidade. Segundo Ducrot (1972; 1984), a

⁴ *Corpus* do projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano, fase 1 e 2*, desenvolvido no Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa (www.uefs.br/nelp) da Universidade Estadual de Feira de Santana, por Norma Lucia Fernandes de Almeida, Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e equipe e na atual fase – *fase 3* – a cargo de Silvana Araújo, associado ao projeto *Vertentes*, coordenado por Dante Lucchesi (www.vertentes.ufba.br).



negação metalinguística permite rejeitar os pressupostos em que se baseia a afirmação anterior e que são recuperados pela negação regular.

É Horn (1989), apoiando-se em estudos anteriores, que destacará “[...] a incompatibilidade da negação metalinguística como os chamados itens de polaridade negativa (IPNs), dada a inexistência de concordância negativa nestes casos.” (PINTO, 2010, p. 10).

A delimitação desses conceitos favoreceu novas análises. Assim, diante do estudo da negação metalinguística e dos pressupostos desenvolvidos por Horn (1989), o pesquisador Carston (1996) introduz importantes contribuições nesse campo de análise, destacando-se a rejeição da reanálise pragmática, proposta por seu antecessor Horn (1989).

De acordo com Carston, ao invertermos a ordem pela qual a negação e a reformulação surgem, a negação é entendida como metalinguística logo na primeira análise feita pelo receptor, não havendo necessidade de reanálise pragmática [...].

Por outro lado, e contrariando o que autores como Burton-Robertes (1989) defendem, Carston rejeita a obrigatoriedade de negação metalinguística encerrar sempre contradição lógica entre proposições. (PINTO, 2010, p. 10-11).

Afastando-se do círculo teórico e aproximando-se do sintático, têm-se como referência os trabalhos desenvolvidos por Drodz (2001), para o inglês, Martins (2010) e sua orientanda, Clara Pinto (2010), para o PE.

No inglês, verifica-se que o marcador *nada* surge na periferia esquerda das frases, o que confirma a diferença entre os marcadores de negação metalinguística e de negação regular. Já no PE, Martins (2010) apresenta uma representação sintática para os marcadores internos *cá* e *lá* e outra para o marcador periférico *agora*⁵.

⁵ “Para os primeiros, a autora propõe que sejam gerados em TP e que se deslocam, posteriormente, para o domínio de CP. No que diz respeito ao marcador *agora*, este seria gerado diretamente no domínio de CP.” (PINTO, 2012, p. 26).

É através dessa vertente que Pinto (2010) centra suas discussões no comportamento sintático do *nada*, defendendo sua classificação como marcador de negação metalinguística e deixa claro, em suas argumentações, a intenção de atribuir uma nova configuração sintática para o *nada*, diferente das elencadas no português *standard*, como em (1) e (2), respectivamente, argumental e quantificador.

(1) João *não* comprou *nada* para mim.

(2) O presente *não* era *nada* caro.

Assim propõe comprovar, através dos testes propostos por Horn (1989) e Martins (2010), que o *nada* caracteriza-se como um marcador de negação metalinguística, como em (3).

(3) A: O Pedro caiu das escadas!

B: Caiu *nada* das escadas! Foi empurrado. (PINTO, 2010, p. 1).

Uma das questões que merecem ressalva, no momento, é a diferenciação estabelecida entre a negação enfática e metalinguística em estruturas com *nada* pós-verbal, uma vez que o *nada* pode caracterizar-se tanto como marcador de negação enfática [Não_V_nada], como em (4), como marcador de negação metalinguística [V_nada], como em (3) ambas estruturas comuns ao PB e PE, mas que constituem tipos de negação distintas.

O mérito ao uso do *nada* e do *não* pós-verbal cabe a Gonçalves (1995), que primeiro notou suas marcas de ênfase, o que posteriormente será analisado, apresentando os pontos de divergências entre os marcadores enfáticos de negação e os metalinguísticos.

(4) A: O Pedro deu um relógio à Maria!

B: *Não* deu *nada* um relógio à Maria! Deu-lhe um vestido!

De forma geral, Martins (2010) acredita que, em todas as línguas, o marcador de negação proposicional pode – num contexto apropriado – ter interpretação metalinguística, manifestando-se em uma sintaxe comum, na periferia da frase, tanto na posição inicial quanto na posição final. A autora defende que a negação metalinguística no PE ocorre de forma não-ambígua, em posição pós-verbal: em itens como *lá*, *cá*⁶, numa posição interna à frase; em itens como *agora* (*uma ova* e afins), de forma periférica. Seguindo essa linha, Pinto (2010) propõe que o PE possui outros tipos de marcadores, além de *cá/lá* e *agora*. Trata-se do marcador *nada*, objeto de estudo deste artigo, que permite expressar negação, sem recurso ao marcador canônico *não*.

2.1 Negação metalinguística e estruturas com *nada*

Para Martins (2010), a *negação metalinguística* distingue-se da *negação regular*, descrita no PE, como um tipo de negação proposicional, expressa obrigatoriamente antes do verbo e que, ao contrário daquela, ocorre em posição pós-verbal. A autora defende que em todas as línguas, o marcador de negação proposicional pode, num contexto apropriado, ter interpretação metalinguística. Trata-se de expressões idiomáticas capazes de codificar de forma não-ambígua a *negação metalinguística*, variáveis de língua para língua, manifestando-se em uma sintaxe

⁶Para Martins (2010, p. 571), o caráter de marcadores de negação metalinguística dos itens *lá/cá* e *agora* fica demonstrado, pelo fato de serem gramaticais as frases em que co-ocorrem com os IPPs *e peras* e *do diabo*.

(11) a. Ele é um nadador *e peras*.

b. *Ele não é um nadador *e peras*. [Sem antecedente discursivo]

c. *Ele é um nadador *e peras*?

d. Ele é {*lá/cá/agora*} um nadador *e peras*. [Como resposta a (11a)]

(12) a. Tiveste uma sorte *do diabo*.

b. *Não tiveste uma sorte *do diabo*. [Sem antecedente discursivo]

c. *Tiveste uma sorte *do diabo*?

d. Tive {*lá/cá/agora*} uma sorte *do diabo*. [Como resposta a (12a)]

comum, na periferia da frase, tanto na posição inicial quanto na posição final. Identifica no PE as palavras *lá*, *cá*, *agora* como itens que podem exprimir negação em posição pós-verbal, de forma não-ambígua, *negação metalinguística* (nos termos de HORN, 1989). A autora defende que *lá* e *cá* são marcadores de *negação metalinguística* internos à frase e *agora* como um marcador periférico. A partir dessa asserção, divide os marcadores de negação metalinguística em dois grupos: os periféricos, como *agora* (mas também *uma ova* e afins), e os internos, como *lá/cá*.

Com base nesse estudo, Pinto (2010) propõe que o PE possui outros tipos de marcadores, além de *cá/lá* e *agora*. Trata-se do marcador *nada* que permite expressar negação sem recurso ao marcador canônico *não*, a exemplo de palavras como *nunca* e *ninguém*. A autora apresenta o conjunto de exemplos com uso do *nada* em PE, centrando sua análise no *nada* como marcador de *negação metalinguística*, classificando-o no grupo de marcadores periféricos, como base nos testes propostos por Horn (1989). Esse tipo de negação, como já discutido, distingue-se da negação regular e do marcador enfático *nada*, apresentando, portanto, funções distintas, como em (5), com função argumental com valor de objeto direto e em (6), com função de quantificador. Os exemplos (5B) e (6B) mostram que o uso do *nada* com a função argumental e de quantificador são compatíveis com a co-ocorrência de *absolutamente* e com a substituição de *nem um pouco* na função de quantificador (6C).

Já o *nada* com função metalinguística, objeto da análise de Pinto (2010) e desde artigo, exemplos (7) e (8) e (9), respectivamente, são incompatíveis com o *absolutamente* e com *nem um pouco*. Pinto (2010) mostra que em (10), o *nada* ocorre enquanto marcador enfático em estruturas de negação enfática de reforço, sob a forma [Nao_V_nada], como especificado por Hagemeyer e Santos (2003). Em (9), assim como em (10), o uso de *nada* assumem o valor de marcador de negação, pós-verbal, mas em (9) não há a presença do marcador *não*. Sendo, portanto, os exemplos (7), (8) e (9), os casos de *negação metalinguística* nos termos defendidos por Horn (1989), como um tipo de negação dependente de um contexto discursivo específico, um marcador de *negação metalinguística*, do tipo periférico, que obedece a uma estrutura-eco,



reproduzindo apenas conteúdo previamente introduzido no discurso, e objeto de estudo deste trabalho com dados do PB oral.

PE^{ok}/PB^{ok}

- Negação Regular

- (5) A. O Pedro não comprou *nada* na feira.
B. O Pedro não comprou absolutamente *nada* na feira.
- (6) A. O brinquedo não era *nada* caro.
B. O brinquedo não era absolutamente *nada* caro.
C. O brinquedo não era nem um pouco caro.

- Negação metalinguística

- (7) A: a. O Pedro deu um relógio a Maria.
A: b. Deu *nada* um relógio a Maria! Deu-lhe um vestido!
B. * Deu absolutamente *nada* a Maria! Deu-lhe um vestido!
- (8) A: a. O Pedro caiu das escadas!
A: b. Caiu *nada* das escadas! Foi empurrado.
B.*Caiu absolutamente *nada* das escadas! Foi empurrado!
- (9) A: a. O Pedro deu um relógio a Maria!
A: b. Deu *nada* um relógio a Maria! Deu-lhe um vestido!
B. *Deu absolutamente *nada* um relógio a Maria! Deu-lhe um vestido!

- Negação enfática em estruturas de reforço sob a forma [Nao_V_nada]⁷

⁷ Cf. Hagemer e Santos (2003).



(10) A: O Pedro deu um relógio a Maria!

B: a. Não deu *nada* um relógio a Maria! Deu-lhe um vestido!

(11) A. O Pedro [não comprou *nada*] o livro. Comprou a bicicleta!

B.*O Pedro não comprou absolutamente *nada* esse livro. Comprou a bicicleta!

C.* O Pedro não comprou *nem um pouco* esse livro. Comprou a bicicleta!

(PINTO, 2010, p. 1-2)

Pinto (2010) também identifica o uso da palavra *nada* com valor metalinguístico no PB⁸, semelhante ao PE, podendo ser empregado de forma neutra ou com constituintes topicalizados, com predomínio, no PB, de constituintes de topicalização⁹. A partir de uma comparação entre o PE e o PB, apresenta a hipótese de que o *nada* metalinguístico em PB ocorra sempre em posição final de frase, tal como o marcador metalinguístico *não* e diz que esse é um fator que distingue o PE do PB.

A autora também identificou, no PB, um tipo de estrutura não atestada no PE, que se caracteriza pela presença de um constituinte Qu-, seguido de forma verbal no gerúndio ou fragmento nominal/adjetival, respectivamente, conforme exemplificado em (12) e (13).

⁸ Dados extraídos do *CORPUS DO PORTUGUÊS*, desenvolvido por Mike Davies (BYA) e Michael Ferreira (*GeorgeTownUniversity*) e do *CORPUS SELVA FALADA*, do Floresta Sintática da Linguatca em Portugal que incluem dados da oralidade e dados de textos que reproduzem conversações espontâneas.

⁹ Segundo Pinto (2010, p. 55 (ex. 93), (ex. 94) respectivamente), o maior predomínio de contextos de topicalização no PB é um tema que precisa ser investigado, o que pretendemos fazer no futuro, bem como a natureza da dessa topicalização, dadas as implicações para diferenciar as duas variantes. Cf. exemplos de uso neutro de *nada* em (a) e uso de *nada*, em PB, como negação de um constituinte alvo de topicalização. O *nada* recupera a informação lexical da asserção que é negada, a partir da pressuposição inicial você *gosta mais dela* em (b).

(a) Eu gosto dos meus dois filhos igual, agora você tem oito anos de filho e ela só tem dois anos - uhm - então você tem oito anos de amor “- ((ri)) - quando ele diz "você gosta mais dela, gosta" "gosto *nada*, eu tenho oito anos de amor com você - e seis e dois anos de amor com a outra ". (*Corpus do Português* - Linguagem Falada: Recife: 279)

(b) Aquelas vacas! Nós caímos na risada; como e que as mocos poderiam vir sem passagens. E ele não lhe passou a raiva: - Moças *nada*, umas vagabundas, só apelei para elas por ultimo recurso, uma canta bolero num circo de Niterói, a outra esta na cerca porque andou pelo hospital, deviam me agradecer de joelhos! (*Corpus do Português* – Dinah Silveira de Queiroz; *A Muralha*).



PE* PB ok

(12) O que e que vocês estão cochichando aí? Posso saber? perguntou Doralice, entrando na sala. Silvério ficou desconcertado. - *Que cochichando nada*, menina -falou Val sem perder a bonomia. - Tava só comentando sobre a Mundinha, mãe daDulcilene. (*Corpus* do Português – Pedro Correa Cabral; Xambioá: Guerrilha no Araguaia)

(13) Mas home, eu tava mesmo precisando falar com o senhor, Doutor. – Algum problema? - Não, senhor. Não, senhor. *Que problema que nada*. E ate uma boanova. Isto e, se o senhor aceitar. - Aceitar o que, meu chefe? - Que chefe *nada*, Doutor. Pobre não é chefe de rico não. (*Corpus* do Português – Joyce Cavalcante; Inimigas Íntimas)

(PINTO, 2010, p. 57)

Com base nessas estruturas, Pinto (2010) estabelece um conjunto de características para o uso da palavra *nada* no PE e sobre o PB, a saber:

- O *nada* é um verdadeiro marcador de negação metalinguística, distinto do marcador enfático *nada*, e pertence ao grupo dos marcadores periféricos, contrariando assim a perspectiva assumida por Gonçalves (1995) de que o uso de *nada* sem a presença do marcador canônico *não* seria o resultado de uma das etapas do ciclo de Jespersen¹⁰;
- As estruturas com *nada* exigem legitimação discursiva prévia e obedecem a uma estrutura-eco, reproduzindo apenas conteúdo previamente introduzido no discurso;
- Uma vez afastada a hipótese de o marcador *nada* ser um marcador de negação enfática, é possível classificá-lo, inequivocamente, como metalinguístico e posicioná-lo no grupo dos marcadores periféricos, por oposição aos internos, de acordo com os testes de Martins (2010)¹¹;

¹⁰ *Círculo de Jespersen* (1917) – evolução dos operadores negativos por quatro etapas de evolução; *Etapa i* – marcadores únicos; *Etapa ii* – co-ocorrência opcional com um marcador enfático; *Etapa iii* – obrigatoriedade do marcador enfático ocorrer juntamente com o marcador principal; *Etapa iv* – primeiro marcador enfático obrigatório na frase e passando o primitivo marcador principal a ser opcional.

¹¹ Embora, a questão sintática desse tipo de estrutura não seja tratada neste trabalho, o que ocorrerá em desdobramentos posteriores, é interessante apresentar a proposta de Pinto (2010) na linha do que foi feito por Martins (2010a) para *cá, lá e agora* e apresenta as seguintes características do *nadapara* o PE, a saber:

- As semelhanças e diferenças entre o *nada* do PE e o *nada* do PB podem indicar que estamos perante marcadores com comportamentos diferentes ou que se encontram em estados de evolução distintos.

Por tanto, o propósito deste artigo é comparar as estruturas com *nada* com valor de marcador de *negação metalinguística* no PB, com base na proposta de Pinto (2010) feita para o PE, avaliando se possuem essas mesmas características. E trazendo dados como (12) e (13) e outras estruturas ainda não estudadas em que o *nada* apresente valor de *negação metalinguística*, como veremos adiante.

3 Descrição do *corpus* da pesquisa

Realizamos o levantamento de ocorrências de *nada* (cf. Quadro 1) em amostras de língua falada, extraídas do *corpus* do projeto *A língua portuguesa no semiárido baiano*, representativas do português popular do interior da Bahia. O fato de o *corpus* escolhido estar centrado no interior da Bahia deve-se mais a uma limitação de tempo do que a uma proposta de descrição dialetal diatópica. Quanto ao fato de ser voltado ao português popular, justifica-se pela proposta, assumida neste trabalho, de que, embora as variedades cultas e populares do PB se oponham ao PE, o português popular tem uma origem no processo de transmissão linguística irregular, diferente do que ocorreu, a

-
- i) Em estruturas em que *onada* ocorre, privilegiando a elipse de VP, propõe que o *nada* seja considerado um marcador de asserção responsiva, que codifica (no domínio de CP) um tipo específico de frase (FARKAS e BRUCE, 2010), permitindo identificar um tipo particular de frase – a objeção, herdando a polaridade, positiva [+] ou negativa [-], da asserção inicial (MARTINS, 2010);
 - ii) O *nada* apresenta um requisito de segunda posição, que o impede de ocupar a primeira posição na frase, nunca surgindo isolado ou como primeiro elemento da frase, ao contrário de outros marcadores de negação metalinguística periféricos. O requisito de segunda posição pode ser satisfeito através de duas estratégias distintas: com topicalização de IP ou através de reanálise morfológica (com o verbo ou com *cá/lá*), através da reanálise morfológica entre *nada* e o verbo ou os marcadores internos *cá/lá*; Para a representação sintática de *nada*, adota uma arquitetura simples de CP;
 - iii) Propõe que *nada* seja gerado em C (DROZD, 2001); Na topicalização de IP, todo o IP surgiria como adjunto a CP, de acordo com a proposta de Duarte (1987). Quando se observa reanálise morfológica, o verbo e *nada* (ou *cá/lá* e *nada*) fundir-se-ão.
 - iv) Permite derivar as estruturas com IP topicalizado, numa posição de adjunção a CP, de acordo com a proposta de Duarte (1987).

princípio, com a variante culta, o que pode apresentar fatos linguísticos de maior distanciamento do PE.

As evidências para defender a posição de que as variedades linguísticas formadas no sertão baiano na área em que se situam as comunidades selecionadas para este estudo são de natureza popular são ancoradas em pesquisas sócio-históricas voltadas para essa região e para as comunidades de forma específica.

A historiografia é farta sobre o tipo de processo de expansão do povoamento e a criação de vilas na Bahia. Carneiro e Almeida (2007) apoiam-se no padrão apresentado por Bandeira de Mello e Silva et. al. (1989, p. 94-97), padrões notadamente reconhecido como tendo envolvido colonos brasileiros, majoritariamente pobres, população autóctone e africanos:

- Um povoamento no nordeste da capitania com tendência à linearidade (devido às rotas de boiadas e das tropas);
- Uma grande dispersão com vilas localizadas em pontos de interseção das estradas que serviam de rotas para o gado, ouro, etc; e
- Um grande número de estradas nas áreas de pecuária e mineração, ambas no sertão. Esse processo ocorreu, inicialmente, a partir das entradas baianas em busca de metais preciosos, da expansão pecuária exigida pela também expansão da economia açucareira e a expulsão ou extinção dos índios ou o seu aldeamento pelos jesuítas, franciscanos e capuchinhos. Tais aldeamentos transformaram-se posteriormente em lugares e vilas, dando, a partir daí, a uma das origens do processo de urbanização do interior da Bahia.

As comunidades escolhidas das regiões *Nordeste*, *Chapada Diamantina*, *Piemonte da Diamantina* e *Região Paraguaçu* são originárias desse processo. Essas comunidades contemporaneamente são analisadas sob a perspectiva global como comunidades rurais representativas de variedades populares do PB, embora a análise específica sob a perspectiva sócio-histórica indique maior predominância de um ou outro aspecto.

4 Marcador *nada* de negação metalinguística no PB

O trabalho foi realizado em duas frentes: descrição qualitativa das ocorrências extraídas das amostras do PB e comparação com dados do PE, com base em Pinto (2010). Vale ressaltar que os dados foram submetidos a alguns testes com o objetivo de estabelecer o valor de *nada* como marcador metalinguístico. Os testes utilizados, neste artigo, para opor os usos de *nada* (negação regular *versus* negação metalinguística *versus* *nada* enfático) serão os seguintes:

(i) PE/PB

– Legitimação discursiva prévia; que obedecem a uma estrutura-eco e posição pós-verbal.

(ii) PB

– Sempre em posição final de frase (PINTO, 2010);
– Presença de um constituinte Qu-, seguido de forma verbal no gerúndio ou fragmento nominal/adjetival.

4.1 *Nada* marcador de negação metalinguística no PB: resultados preliminares

No cômputo geral obtivemos 749 ocorrências (*cf.* Quadro 1), em o *nada* se apresenta, seja em sua condição regular, enfática ou metalinguística e nas mais distintas posições e estruturas sintáticas.

Quadro 1 – Ocorrências de *nada* em estruturas do português popular do interior da Bahia

MUNICÍPIOS/REGIÃO ECONÔMICA DA BAHIA	LOCALIDADES	OCORRÊNCIAS
Jeremoabo/Nordeste	Casinhas	148
	Tapera	62
	Lagoa do Inácio	68
Feira de Santana/Paraguaçu	Matinha	118
Rio de Contas/Chapada Diamantina	Bananal/Barra dos negros	171
	Mato Grosso	141
Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)	Piabas	168
TOTAL		749

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dessas ocorrências, representativas de dados reais de fala do PPB, podemos atestar os usos da palavra *nada* em diversos tipos de estruturas: a regular – o marcador de negação precedido de *não* (a marca de negação *standard*), na posição argumental, com função de *objeto direto*, como em (14); com valor de *quantificador*, como em (15); como marcador de *negação enfática* em estruturas [Não_V_nada], como demonstrado no exemplo (16).

(14) Inf: E menino homem não. A gente sai, deixa em casa, óh...

Doc 1: Não tem perigo.

Inf: Não acontece *nada* com ele. Não tem perigo... (p. 20)

(15) Inf: Saúde no momento eu posso dizer *nada* sobre a saúde, pra mim a saúde tá ótima. (p.51)

(16) Inf: [...] Hoje, no caso diz : «ah tempo bom era aquele que a gente comia carne». Não era *nada*, ninguém comia carne aqui nessa região não. [...]. (p. 02)

E em posição pós-verbal com a função de marcador de negação metalinguística, como nos exemplos adiante, em que, além do uso da palavra *nada* ser um marcador de negação sem função argumental ou quantificador, é também o único marcador de negação presente nas frases.

Para definir negação metalinguística no PB, vamos aplicar inicialmente três testes, dos cinco utilizados por Pinto (2010). São eles: (i) Para opor negação metalinguística à negação regular (HORN (1989) e MARTINS (2010)); (ii) Para opor negação metalinguística da negação enfática (reforço de negação [Não_ V_ nada]); (iii) Marcação metalinguística: Marcadores internos *versus* Marcadores periféricos.

4.1.1 Teste i: para opor negação metalinguística à negação regular (HORN, 1989; MARTINS, 2010)

4.1.1.1 Obrigatoriedade de legitimação discursiva (HORN, 1989)

Consiste na necessidade de um contexto discursivo para que se entenda o valor semântico do marcador metalinguístico, atribuindo-lhe gramaticalidade. Sendo assim, para ocorrer a negação se faz necessário um contexto discursivo pré-elaborado que o legitime, um contexto passível de ser negado.

No teste, todos os dados recolhidos, em suas diferentes estruturas sintáticas, apresentaram necessidade de um contexto discursivo anterior à negação. Como pode ser observado em (17):

(17) Doc: Num é a mesma coisa de festa?

Inf: É **nada**. Missa não é a mesma coisa não. (p. 78)

Como apontado por Pinto (2010) e observado no contexto supracitado o uso do *nada* sem antecedente discursivo, gera frases agramaticais. O mesmo não acontece numa frase de expressão regular, como em (18).

(18) [Num é a mesma coisa de festa?]

(18a) Não é. Missa não é a mesma coisa não.

(18b) *É **nada**. Missa não é a mesma coisa não.

Assim, pode-se confirmar que o marcador metalinguístico *nada* apresenta características distintas da negação regular, a qual não necessita de contexto legitimador.

4.1.1.2 A negação metalinguística, em contraste com a negação regular, é compatível com Itens de Polaridade Positiva (IPPs)

Como já explicado no *teste I* há uma necessidade obrigatória de um contexto discursivo anterior à negação, que a legitime (através de informação velha), ao contrário do que ocorre com a marcação regular. Neste teste, verifica-se que os marcadores metalinguísticos têm compatibilidade com itens de polaridade positiva (IPPs) fortes, que são incompatíveis com interrogativas e não ocorre em frases negativas, como em (19):

(19) João teve uma sorte *dos diabos* este ano.

(19a) *João não teve uma sorte *dos diabos* este ano.

(19b) *João teve uma sorte *dos diabos* este ano?

(19c) João teve uma sorte *dos diabos* este ano!

Teve **nada** uma sorte *dos diabos* este ano. Ele fracassou no fim.

Segundo Pinto (2010), “apenas os marcadores de negação metalinguística permitem manter a leitura idiomática característica dos IPPs” (p.18). Dessa forma, o

teste com IPPs apresenta-se como uma das formas de desambiguar a interpretação pragmática dada a negação, nos casos em que pode haver interpretação regular ou metalinguística.

4.1.1.3 A negação metalinguística, em contraste com a negação regular, não legitima Itens de Polaridade Negativa (IPNs)

Os marcadores de negação metalinguística apresentam incompatibilidade com itens de polaridade negativa (IPNs). Martins (2010) afirma que IPNs como *ninguém*, *nem morta*, são legitimados pela negação regular, porém há incompatibilidade quando trata-se dos marcadores metalinguísticos. O mesmo acontece com o *nada* no português popular do Brasil, como observado em (20).

(20) Você sairá comigo hoje a noite!

(20a) Eu *não* saíu contigo *nem morta*.

(20b) *Eu saíu *nada* contigo *nem morta*.

Como observado o *nada* não estabelece relação de concordância negativa, o que favorece sua categorização como marcador de negação metalinguística.

4.1.2 Teste ii: para opor negação metalinguística da negação enfática (reforço de negação [não_V_nada]): duas construções com *nada*

Pinto (2010) afirma que o *nada* pode assumir tanto a posição de marcador negação enfática quanto a de marcador negação metalinguística. Por negação enfática entende-se o uso de elementos que reforcem a negação, assim como a dupla negação [Não_V_não], em seu contexto regular, e negação enfática sob a forma [Não_V_nada], como observado, respectivamente em (21) e (22).

(21) Inf: Falavam que *não* era bom *não* ter energia. (p. 148)

(22) Inf: Hoje, no caso diz : «ah tempo bom era aquele que a gente comia carne». *Não* era *nada*, ninguém comia carne aqui nessa região não [...]. (p. 02)

Sendo assim, é necessário estabelecer a diferenciação entre a negação enfática e a metalinguística em estruturas com *nada* pós-verbal, uma vez que o *nada* pode caracterizar-se tanto como marcador de negação enfática [Não_V_nada] quanto como marcador de negação metalinguística [V_nada], ambas estruturas comuns ao PB e PE, mas que constituem tipos de negação distintas.

4.1.3 Teste iii: marcadores internos versus marcadores periféricos

Este teste consiste em determinar e distinguir os marcadores de negação metalinguística periféricos e internos à frase. Segundo Pinto (2010) e como atestado nos testes a seguir, o *nada* se situa no grupo dos marcadores periféricos, distanciando-se dos *cá, lá* e aproximando-se do *agora*, marcadores apontados por Martins (2010).

4.1.3.1 Posição na frase

Diante da análise dos dados observa-se que o marcador de negação metalinguístico *nada* no português brasileiro pode ocorrer em posição inicial ou periférica, apresentando-se dentro de duas possíveis estruturas sintáticas: [V_nada] [V_X_nada]. Essa flexibilidade pode ser observada nos exemplos (23) e (24):

(23) Inf: Eu acho isso errado, né? Num acho isso certo não. Diz que é pecado, num sei o quê. Eu disse pecado! É pecado *nada*, mas pecado a gente faz tanta coisa, de quê pintar unha. (p.19)



(24) Doc 1: E a parteira morava perto daqui?

Inf: Morava *nada*. Tinha vez que tava choveno. (p. 130)

Como observado o *nada* pode ocorrer em posição pós-verbal ou, como cita Martins (2010), em adjacência estrita ao verbo.

4.1.3.2 Ocorrência isolada e em fragmentos nominais

Pinto (2010, p. 40) afirma que os marcadores internos distinguem-se dos periféricos por não poderem ocorrer isoladamente ou com fragmentos nominais. Isso ocorre diante da necessidade intrínseca dos marcadores internos ligarem-se às formas verbais, uma vez que sem a ligação existente entre esses dois elementos as frases tornam-se agramaticais.

Em análise das amostras do PE, Pinto (2010) comprova que o *nada* em fragmentos isolado produz agramaticalidade. Porém, em nossos dados, amostras reais de fala do PB, foi encontrado três fragmentos que apresentaram o *nada* como marcador de negação metalinguística em ocorrência isolada.

(25) Doc 2: Hoje em dia o pessoal ainda brinca disso por aqui?

Inf: *Nada*. (p.85)

(26) Doc: Eles não falam, não?

Inf: Hum, hum.

Doc: Eu quero ser isso...

Inf: *Nada*. Eles são novo também. (p. 34)

(27) Doc: Você é bem habilidosa. Você sabe fazer muitas coisas mesmo.

Inf: *Nada!* (p. 34)

Esse teste nos oferece os primeiros subsídios de que o PB apresenta uma maior flexibilidade, o que já o distingue do marcador de negação metalinguística *nada* do PE.

No que tange aos *fragmentos nominais* Pinto (2010, p. 27) diz que esse fenômeno está relacionado ao enfraquecimento de *nada* de item lexical para item funcional. Sua ocorrência em fragmentos nominais no PB é frequente.

Como já referido, a autora ao observar os pequenos dados do PB chama a atenção para um tipo de estrutura muito relevante, o uso do marcador *nada* em um tipo de estrutura não atestada no PE. Essa estrutura exclusiva do PB foi exemplificada em (12) e (13). É uma estrutura que se caracteriza pela presença de um constituinte Qu-, seguido de forma verbal no **gerúndio** ou **fragmento nominal/adjetival**, nas respectivas estruturas sintáticas [Que_X_nada] e [Que_X_que_nada].

Já com dados reais de fala do PB podemos atestar a existência do *nada* como marcado de negação metalinguística em diversas estruturas sintáticas, como observado de (28) a (33):

[Que_nada]

(28) Doc: Mah a senhora tem vontade de voltar pra São Paulo?

Inf: Eu? Que *nada*! passagem muito cara. Tenho vontade de passear... (p. 144)

[Que_nada_X]

(29) Inf: Muintos diz que morto num aparece. Essas pessoas que diz que morto morreu e se acabouse quando essa pessoa morrer, ele é um ninguém porque ele num acreditava em nada, entendeu? Então veja bem, aí pai dizia: “que *nada* vagabundo, você num trabaia, agora vem me chamar pa ir trabaiair”. (p.168)

[V_nada]



(30) Doc: E na época do seu pai, não tinha escola pra pagar?

Inf: Tinha **nada**! (p. 62)

[V _ nada _ X]

(31) Inf: Eu tenho quarenta e dois anos.

Doc: Quarenta e dois.

Inf: É!

Doc: Tá novo!

Inf: Tou **nada** rapaz. [risos]. (p. 109)

[X _ nada _ X]

(32) Doc: É novo ainda, tem lugar pra conhecer.

Inf: Oxe, novo **nada**, home. (p. 26)

[Pronome _ nada]

(33) Doc 1: O troco cê guarda.

Circ: O troco é meu é mãe?

Inf: Meu **nada**. O dinheiro ela deu pra ele.

Doc 1: Foi pra ele mehmo. O seu ela já lhe deu pra você Comprar a bala.

Inf: Aí já dá quato pão. (p. 26)

Dessas estruturas supracitadas cabe a ressalva aos de estrutura [V_nada], uma vez que muitos desses casos apresentaram a presença do verbo *ser* em suas flexões de tempo, pretérito imperfeito do indicativo (era) e presente (é), como, respectivamente, atesta os exemplos (34) e (35):

(34) Doc: E quando você era pequeno, cê era assim... quando cê era pequeno você era assim sapeca, traquino?

Inf: E era **nada**, era bestinha, até hoje. (p. 5)

(35) Doc: Num é a mesma coisa de festa?

Inf: É *nada*. Missa não é a mesma coisa não. (p. 78)

Essas estruturas Pinto (2010) classifica em seu trabalho como *Outras propriedades do marcador de negação metalinguística Nada* e afirma que as estruturas com SER apresentam-se compatíveis com o marcador *nada*, o que poderemos reafirmar com os exemplos do PB.

4.2 Análise contrastiva de dados do PB e do PE

Diante das amostras de fala, pode-se observar que a presença de *nada* em contexto isolado e em fragmentos nominais implicou em sua aceitação como um legítimo marcador periférico, uma vez que os marcadores internos distinguem-se dos periféricos por não poderem ocorrer isoladamente ou com fragmentos nominais. Já no PE, observa-se que a ocorrência do *nada* em contextos isolados gera agramaticalidade, o que pode contestar seu real caráter periférico.

Outros dados apontam para diferenças entre o PE e o PB, requerendo um estudo mais acurado dessas estruturas, o que será feito em trabalhos posteriores, sobretudo relacionado a topicalizações. Porém, de forma ainda que preliminar, podemos esboçar alguns pontos que parece diferenciar o uso do *nada* como marcador de negação metalinguística do PE com o do PB. Vejamos:

Quadro 2 – Resultado dos testes que caracterizam o *nada* como marcador de negação metalinguística no PB

FATORES SINTÁTICOS	PE	PB
Obrigatoriedade de legitimação discursiva	+	+

Compatível com Itens de Polaridade Positiva (IPPs)	+	+
Incompatível com Itens de Polaridade Negativa (IPNs)	+	+
Ocorre na periferia da frase	+	+
Ocorre no interior da frase	-	-
Ocorre isolado	-	+
Ocorre em fragmentos nominais	+	+

Fonte: Elaborado pelas autoras

Diante dos resultados, pode-se observar que a presença do *nada* em contexto isolado e em fragmentos nominais implicou em sua aceitação como um legítimo marcador periférico, uma vez que os marcadores internos distinguem-se dos periféricos por não poderem ocorrer isoladamente ou com fragmentos nominais. Já no PE, observa-se que a ocorrência do *nada* em contextos isolados gera agramaticalidade, o que pode contestar seu real caráter periférico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos afirmar que o *nada* no PB também se apresenta em novas estruturas sintáticas, que difere de seu regular caráter argumental e quantificador, o que nos permitir apoiar a hipótese, de Pinto (2010), que o *nada* no PB também apresenta características de um marcador de negação metalinguístico, similar ao PE.

Em sua dissertação, Pinto (2010) propõe cinco testes que visam estabelecer o valor de *nada* como marcador metalinguístico, permitindo opor os usos de *nada* (negação regular *versus* negação metalinguística *versus nada* enfático), estabelecer as propriedades de *nada* e submeter os dados a uma análise sintática. Diante da limitação



de tempo, não foi possível a aplicação de todos os testes aplicados por Pinto (2010), mas já temos indícios que o *nada* no PB apresenta características compatíveis a um marcador de negação metalinguística. Resta-nos saber até que ponto as estruturas sintáticas do marcador *nada* no PB se difere do PE.

Para tanto, como prospecções futuras, prende-se uma análise mais gerativista, para que seja possível abarcar os constituintes de topicalização, uma vez que Pinto (2010) afirma haver maior predomínio dessas estruturas no PB, o que não foi atestado com os dados do PE. Para tanto, buscaremos focalizar as estruturas com a presença de um constituinte Qu-, seguido de forma verbal no gerúndio ou fragmento nominal/adjetival, exclusivas do PB, na tentativa de apontar as diferenças entre o PB e PE, no que tange a nova função sintática do *nada* – marcador de negação metalinguística.

Acreditamos que os avanços desta análise nos permitirá estabelecer novas característica para o *nada* no PB, uma vez que Pinto (2010) adota a hipótese de que o marcador *nada* obedece a um requisito de segunda posição, nunca surgindo isolado ou como primeiro elemento da frase, ao contrário de outros marcadores de negação metalinguística periféricos. Com os resultados preliminares já é possível verificar diferenças em estruturas diversas das apresentadas por Pinto (2010), como o *nada* isolado. Através desse viés espera-se contribuir para os estudos do PB, enquadrando-se no campo gramatical em que os estudos da mudança linguística apoiam-se em análise de *corpora* constituídos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de (Org.); CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). **Coleção amostra da língua falada no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS EDITORA, FAPESB, 2008. v. 4. 450 p.

CARSTON, Robyn. Metalinguistic Negation and Echoic Use. *Journal of Pragmatics* 25. 1996.

DROZD, Kenneth F. 2001. "Metalinguistic Sentence Negation in Child English. **Perspectives on Negation and Polarity Items** .J. Hoeksema, H. Rullmann, V.



Sanchez-Valencia e T. van der Wouden (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. P. 49-78.

DUCROT, Oswald. **Le dire et le dit**. Paris: Minuit, 1984.

_____. **Dire et ne pas dire**. Paris: Hermann, 1972.

HORN, Laurence R. 1989. **A Natural History of Negation**. Stanford: CSLI Publications. 2001.

MARTINS, Ana Maria. *Negação Metalinguística (lá, cá e agora)*. **Actas do XXV Encontro da APL**. Lisboa, 2010.

PINTO, Clara. **Negação Metalinguística e Estruturas com nada no Português Europeu**. Tese de mestrado. Universidade de Lisboa, 2010.

_____. **O marcador de negação metalinguística nada em PE**. In: XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, APL, 2011, pp. 505-520. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/docs/26-textos-seleccionados/Pinto.pdf>>. Acessado em: 02 de julho de 2013.

Projeto A língua portuguesa no semiárido baiano, fases 1, 2, 3 e 4. Coordenação: Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (www.uefs.br/nelp)

Projeto Vozes do sertão em dados: história, povos e formação do português brasileiro (CNPq 401433/2009-9). Coordenação: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (www.uefs.br/nelp)

Projeto CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB, Processo 5566/2010/Consepe: 202/2010) Coordenação: Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UEFS/FAPESB/CNPq). Principal Membro da Equipe Executora: Mariana Fagundes de Oliveira (UEFS/FAPESB), www.uefs.br/cedohs.

Recebido Para Publicação em 30 de janeiro de 2018.

Aprovado Para Publicação em 16 de março de 2018.